

COLÉGIO PEDRO II

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura
Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações
Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)**

Mainara de Freitas Galvão

**ÚRSULA: ESCRAVIZAÇÃO E PATRIARCADO NA
OBRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

**Rio de Janeiro
2022**



Mainara de Freitas Galvão

**ÚRSULA: ESCRAVIZAÇÃO E PATRIARCADO NA
OBRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador (a) Professor (a) Dr Helio de Sant'Anna dos Santos

Rio de Janeiro

2022

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

G182 Galvão, Mainara de Freitas
Úrsula: escravização e patriarcado na obra de maria firmina dos reis/
Mainara de Freitas Galvão. – Rio de Janeiro, 2022.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das
Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II,
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Helio de Sant´Anna dos Santos.

1. Relações étnicos-raciais – Estudo e ensino. 2. Literatura brasileira.
3. Literatura afro-brasileira. I. Santos, Helio de Sant´Anna dos. II.
Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Mainara de Freitas Galvão

ÚRSULA: ESCRAVIZAÇÃO E PATRIARCADO NA OBRA DE
MARIA FIRMINA DOS REIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá).

Aprovado em: / / .

Helio de Sant'Anna dos Santos (Orientador)
Colégio Pedro II

Henrique Marques Samyn
UERJ

Sílvia Barros da Silva Freire
Colégio Pedro II - Ererebá

Dedico à Maria e à Ana

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pela perseverança que me criaram. Ao André por compartilhar a vida comigo. Ao meu orientador Helio por conduzir de forma leve esse momento tão decisivo da minha formação. A todos os docentes e discentes do Ererebá por abrirem caminhos e possibilidades no compromisso de uma educação antirracista. Aos meus guias espirituais por me auxiliarem até aqui. A todas e todos professores que possibilitaram caminhos na minha vida.

Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais Feliz que nós.

(Carolina Maria de Jesus)

GALVÃO, Mainara, de Freitas. *Úrsula: Escravização e Patriarcado na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais no Ensino Básico (EREREBA) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

A presente pesquisa tem como intuito analisar o romance *Úrsula* (1859) da autora e professora Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense que viveu boa parte de sua vida em Guimarães, região provinciana. Foi uma das precursoras da Literatura negro-brasileira (Cutí) e uma das primeiras intelectuais negras do Brasil. A autora fundou uma das primeiras escolas mistas brasileiras. Maria Firmina dos Reis é reconhecida como uma das pioneiras na denúncia do regime escravocrata, por meio de *Úrsula*, que foi publicada pela Tipografia do Progresso. Na primeira edição assinada como — uma maranhense — já denunciava um recurso comum que invisibilizava as escritoras no século XIX, de ocultar suas respectivas autorias, como: Nísia Floresta Augusta, Narcisa Amália, Amélia Rodrigues, entre outras. O prólogo do romance também revela outras estratégias que as autoras oitocentistas utilizavam para adentrar no espaço enunciativo. *Úrsula* questiona os valores de uma sociedade escravocrata do século XIX; e também interpela as noções de uma sociedade patriarcal. A autora foi silenciada da literatura brasileira por mais de um século. O seu romance de estreia só foi revisitado em 1975 e Horácio Almeida foi o responsável pela 2ª edição *fac-símile*. A obra de Maria Firmina dos Reis ficou por muito tempo silenciada do cânone literário, somente há pouco tempo sua escrita e trajetória têm sido lembrada por estudiosos da obra e da autora. A narrativa inaugura a subjetividade dos personagens negros dentro da prosa em língua portuguesa. O romance instaura um marco no romance brasileiro, questionando as noções raciais e de gênero no Brasil oitocentista. Para fundamentar a pesquisa, utilizaremos os estudos de Miranda (2018; 2019), Machado (2019), Lobo (2014), Duarte (2009), Muzart (1990), entre outros.

Palavras-chave: literatura brasileira; autoria feminina; literatura negro-brasileiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVOS GERAIS	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3. JUSTIFICATIVA	11
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
5. METODOLÓGICOS	PRESSUPOSTOS 13
6. Finais	CONSIDERAÇÕES 44

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso tem como temática o romance *Úrsula*. Com a pesquisa, espera-se analisar os principais elementos que corroboram com o estudo aprofundado da obra de Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Uma obra que ficou silenciada por mais de um século, torna-se relevante analisar as contribuições da autora numa tentativa de resgatar sua obra e questionar qual a importância de Maria Firmina dos Reis para a contemporaneidade. A autora não só inaugura a literatura produzida por mulheres negras, mas também introduz em sua narrativa aspectos que denunciam as mazelas de um passado escravocrata e patriarcal.

A pesquisa será dividida em três etapas. Na primeira parte, iremos fundamentar os elementos dentro da obra da autora, os quais contribuem para analisarmos o romance como uma obra canônica do romantismo que ficou invisibilizada por aproximadamente cem anos. Por meio da pesquisa, será observado como tais mecanismos de silenciamento se fizeram presentes também nas produções femininas oitocentistas. Na segunda parte, apresentaremos o romance recorrendo aos aspectos abolicionistas da obra. Por fim, analisaremos a obra sob o viés de uma sociedade patriarcal da segunda metade do século XIX.

A pesquisa utilizará como principal pressuposto teórico os estudos da autora Fernanda Miranda (2018-2019).

Para fundamentar a pesquisa, utilizaremos os estudos de Miranda (2018; 2019), Machado (2019), Lobo (2014), Duarte (2009), Muzart (1990), entre outros.

1 OBJETIVOS

1.1 Objetivo Geral

O projeto de pesquisa tem como objetivo contribuir com novos estudos referentes ao romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, para a Literatura brasileira. A partir da obra, é possível identificar elementos que denunciam o regime escravocrata e patriarcal no olhar da primeira romancista negra do Brasil, numa época em que as produções literárias eram monopolizadas por homens brancos. Com a pesquisa, espera-se colaborar com novas reflexões sobre a autora e sua obra, a fim de destacar Maria Firmina dos Reis como uma autora canônica da literatura brasileira, que foi silenciada por mais de um século.

1.2 Objetivos Específicos

A pesquisa será dividida em três etapas. Na primeira, iremos investigar os mecanismos de silenciamentos e apagamentos da autora do cânone literário. A segunda parte da pesquisa terá o intuito de analisar *Úrsula* como uma das primeiras obras abolicionistas a dar voz aos personagens negros em língua portuguesa. Na terceira, investigaremos a obra sob o ponto de vista de uma sociedade patriarcal da segunda metade do século XIX.

Utilizaremos como corpus textual da pesquisa, além de *Úrsula*, o livro *Silêncios prescritos, estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*, da pesquisadora Fernanda Miranda. O trabalho será de cunho bibliográfico. Assim, a partir das investigações, espera-se chegar a novas reflexões a respeito da referida obra e de Maria Firmina no contexto da literatura brasileira.

2 JUSTIFICATIVA

Dentro da literatura brasileira, o romance foi constituído tradicionalmente como gênero literário dedicado a evidenciar as questões da vida social da chamada burguesia, conforme aponta Souza (2019). Se o romance originalmente está vinculado à enunciação do mundo burguês, no Brasil, ele surge no século XIX como um gênero disputado pela elite brasileira. Até a década de 1980, o gênero dialoga com a manutenção de uma estrutura que endossa a permanência da hierarquia enquanto força de dominação das relações entre personagens que restauram a cena senhorial no poder (REIS, 1987). É sabido que a literatura brasileira representou, desde o início de sua produção nacional, um lugar de privilégio da autoria branca masculina, que resultou na invisibilização quase absoluta das produções de autoras/ es negras/ os da literatura.

Além disso, quanto ao projeto político, as produções romancistas do século XIX preocuparam-se em criar um imaginário nacional que refletisse as aspirações desse corpo social. Para tanto, após a independência do Brasil, investiu-se na criação de textos que colaboraram para uma comunidade imaginada, recortando/ forjando do projeto literário da nação brasileira os seus elementos mais simbólicos. Desse modo, a literatura oitocentista produziu representações estereotipadas tanto da figura do negro quanto da figura do indígena. No caso das personagens femininas negras, essa estratégia resultou numa iconografia de corpos que enfatizou o lado hipersexualizado das personagens (hooks, 1995).

Desse processo, constata-se que, embora a tradição romanesca brasileira seja ampla, são escassos os romances de autoria de mulheres negras e, conseqüentemente, poucos os trabalhos científicos na área. Esses dados apontam para o fato de que por muito tempo essas produções de autoria feminina não despertaram muito interesse dentro do campo dos estudos da literatura. Assim, torna-se relevante investigar *Úrsula*, obra de uma autora oitocentista, negra, provinciana, que foi apagada do cânone literário por sua condição. O silenciamento da voz da mulher negra como autora de literatura é estrutural no Brasil. Essas questões não se limitam ao passado: ainda hoje os romances de autoras negras enfrentam dificuldades no reconhecimento de suas potencialidades estéticas e epistemológicas pela crítica literária brasileira, como aponta Miranda (MIRANDA, 2019).

O romance é um gênero que possibilita a elaboração da construção consciente da realidade, e pode arquitetar um sistema imaginário durável, como é o exemplo de *Úrsula*.

A obra foi publicada em 1859 e ficou apagada por aproximadamente um século, só no século seguinte (1975) a obra é revisitada. A autora não se encontra em nenhuma bibliografia produzida pela historiografia literária do século XX.

Dentro desse panorama, as produções de autoras negras oitocentistas atravessam questões relacionadas à classe social ou produções fora do centro, como é o caso da autora, que viveu a maior parte da sua vida numa região provinciana de Guimarães (MA). A obra de Maria Firmina denuncia aspectos de uma sociedade escravocrata por meio da perspectiva dos personagens negros, como sujeitos subjetivos. A narrativa também evidencia o mandonismo patriarcal e senhorial, que resulta em todos os descompassos no romance.

Com a pesquisa, esperamos contribuir para a análise da obra como um romance de fundação que denuncia os mecanismos de racismo e sexismo dentro da literatura brasileira, como propõe Miranda. Percebemos que, a partir dele, desponta no campo discursivo um lugar para a existência da subjetividade do negro na literatura oitocentista através do olhar de uma autora provinciana. Assim, almejamos provocar reflexões acerca do lugar de Maria Firmina dos Reis no cânone literário.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A literatura brasileira produzida por autoras negras tem gerado reflexões acerca dos apagamentos e silenciamentos dentro do cânone literário. “A crítica debruçada sobre estes textos literários têm se empenhado em visibilizar autorias, estéticas e semânticas que possuem a potência de ressignificar a própria Literatura Brasileira.” (MIRANDA, 2019, p. 214). Na tradição literária nacional, o gênero romance desempenhou relevante função na construção das narrativas identitárias da nação e do indivíduo nacional.

“O início da produção de romances escritos no Brasil é posterior à ruptura oficial do território com a condição de colônia e está intimamente ligado à construção tanto da identidade nacional, quanto da elite letrada que a formulava. Com efeito, o romance é um gênero historicamente ligado à enunciação da comunidade nacional imaginada, pois, em termos amplos, romance e nação se conectam. Assim o entendeu Benedict Anderson, para quem o romance e o jornal proporcionaram os meios técnicos ideais para “representar o tipo de comunidade imaginada a que corresponde uma nação”. (MIRANDA, 2019, p 216)

Em vista disso, Fernanda Miranda observa que há recortes da comunidade nacional imaginada romanesca. Essas seleções de enunciados estariam intimamente relacionadas a um delineamento da memória literária nacional, construída e pensada pelo círculo letrado da época. Dentro desse contexto, o romance exerceu um papel de relevância, tanto na concepção das tradições como recorte previamente selecionado, quanto dos enredos atribuídos a mitos de fundação.

Nesse espírito, em 1844, atento à construção do imaginário nacional, o IHGB lançou um concurso cujo tema era “Como se deve escrever a História do Brasil”. Karl Friedrich Philipp Von Martius, um naturalista bávaro, foi premiado com um artigo que defendia que a história do Brasil deveria ser formulada a partir da condução de país tropical com população formada pelo contato entre o nativo, o europeu e o africano. Mas seu artigo, publicado em 1845, afirmava que os nativos viviam em “dissolução moral e civil”, de maneira que “ neles não reconhecemos senão ruínas de povos. (MIRANDA, apud. 2019, p. 62)

A partir desses aspectos, dispuseram-se concepções civilizatórias que conduziram o projeto de dar uma percepção homogênea à história da nação, elaboradas em narrativas do período. Essa proposta de enredo para a História do Brasil foi formulada baseada no contato das três raças: “sendo que uma delas é considerada em ruínas, a outra, estava sendo escravizada, e a terceira escreve a narrativa – inscreve um padrão axiológico de discurso nacional identitário que para existir, silencia.” (MIRANDA, 2019, p. 218).

Podemos observar tais seleções, ao comparar *Úrsula* (1859)¹ com outros romances de fundação, como, por exemplo, *O guarani* (1857), de José de Alencar. Ambos os romances partem da mesma conjuntura histórica e política, mas entre as noções para o passado e o porvir que enunciam existem amplas diferenças. Na obra de José de Alencar, é possível identificarmos uma figura forjada do indígena, corroborando com uma visão tendenciosa do povo originário, que reforça uma imagem estereotipada do personagem indígena.

A autora inaugura uma Literatura de Fundação que trouxe a presença ativa de personagens negros, enquanto sujeitos. Essa presença inicia um espaço textual, uma perspectiva de ato de fala que até então não estava disponível na tradição romanesca brasileira. Outro aspecto significativo na obra é a questão de gênero; a narrativa é construída em torno de uma sociedade patriarcal escravocrata brasileira, que propõe uma abordagem original, inserindo concepção entre gênero e raça. Tais questões foram observadas inicialmente por Eduardo de Assis Duarte; Luzia Lobo e Zahidé Muzart. O romance da autora atravessa espaços acerca da condição de escravizados e mulheres do Brasil oitocentista, que até então não eram problematizados dentro dos romances fundacionais. “Em *Úrsula*, há uma forte crítica tanto ao patriarcalismo quanto à escravização” (MACHADO, 2021, p 35). O enredo mostra que o mando patriarcal e senhorial produz um padrão de homens autoritários e cruéis; resultado de uma sociedade que não impõe nenhuma regulamentação aos quereres dos personagens senhoriais. Assim, mulheres brancas (esposas, noivas, sobrinhas) e escravizados são submetidos à tirania e opressão desses personagens, porém, numa sociedade patriarcal e escravocrata os sistemas de opressão se revelarão em níveis diferentes. Segundo Miranda:

Maria Firmina dos Reis inscreve a alteridade na ficção por meio do encadeamento de lugares de opressão: ainda que mulheres brancas fossem oprimidas pelo poder central do patriarca, elas sustentam a cadeia, pois são senhoras de escravos. Assim, a escravidão é narrada como um sistema transversal que sustenta inclusive a vida da bondosa heroína e de sua injustiçada mãe — vítimas do mandonismo patriarcal.[...](MIRANDA, 2019,p.95)

Para refletirmos as questões interseccionais² presentes no romance, deve-se olhar para o enredo em torno do par romântico Tancredo e Úrsula. Jovens, repletos de um amor

¹ Segundo uma resenha publicada em 1857, no jornal *A Imprensa* (MA), divulgava-se que o romance já estava finalizado e a caminho do prelo. SOUZA (2017). Assim, *Úrsula* pode ter sido publicada antes ou concomitante com *O Guarani*.

² Nas décadas de 1960 e 1970, por meio de feministas negras estadunidenses, surge o conceito de interseccionalidade. As autoras Patricia Hill Collins e Sirm Bilges observam que o conceito começou a ser utilizado no meio acadêmico como uma ferramenta analítica dos estudos sociais. As autoras utilizam como exemplo, os estudos dos acadêmicos das principais

puro, que se mostram personagens benevolentes. Mesmo dentro dessa construção de nobreza de caráter, os dois são oriundos de famílias patriarcais escravocratas, nas quais o poder masculino branco e senhorial é dominante na narrativa. É importante ressaltar que as personagens femininas brancas também são oprimidas dentro do regime patriarcal, ainda que seus respectivos lugares de opressão endossam a estrutura escravocrata, uma vez que são senhoras de escravizados.

A escritora, ao dar voz e noção de criticidade aos seus personagens, atravessa repertórios imaginários que ainda não tinham sido elaborados por nenhum romancista da época. Segundo Eduardo de Assis Duarte, em “Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira” (DUARTE, 2004), evidencia-se a preocupação com a escrita firminiana ser colocada como um tipo de porta-voz dos personagens escravizados. Diante desse contexto, a autora inaugura outro olhar para os personagens escravizados dentro da literatura do século XIX. Para elucidar melhor as noções diferenciadas em que a autora inscreve os personagens escravizados, torna-se interessante compararmos a obra com outros romances abolicionistas, como a *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1872, cuja heroína da narrativa é uma personagem branca. Isaura é uma personagem que materializa a ideia do negro cativo³. Na fala a seguir, fica evidente a visão de subserviência: “apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.” (GUIMARÃES, 1976, p.5). Nesse diálogo com a sinhá Malvina, Isaura compreende seu lugar na sociedade escravocrata: de subserviência à branquitude, assim, reforçando o estereótipo do bom cativo.

Para além das questões referentes ao pioneirismo na subjetivação da mulher e do homem negro na literatura brasileira, o texto evidencia a regência em torno da vida da mulher branca dentro da sociedade patriarcal; manifestada através da dissidência

universidades da América do Norte, as pesquisadoras reconhecem que o conceito não está circunscrito a América do Norte, reconhecendo a aplicabilidade do termo em outras partes do Sul Global, como o Brasil, por exemplo. Na observância da divisão sociais entre raça, classe, gênero, etnia, cidadania, orientação sexual. Além disso, as autoras observam: “Embora todas as pessoas que utilizam as estruturas interseccionais pareçam estar sob um grande guarda-chuva, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica significa que ela pode assumir diferentes formas, pois atende a uma gama de problemas sociais.” (COLLINS, BILGES,)

³ No Brasil, como já mencionado, o século XIX é marcado por rupturas com a metrópole. A implementação do capitalismo, evidenciado pela exportação do café, materializa a formação produtivista em solo brasileiro. Assim, estabelecendo novas formas de relações sociais, transformando as oligarquias agrárias em burguesias. Para tal economia, a figura do negro cativo era vista como obsoleta, pois o trabalho do escravizado acabou ficando mais caro que o assalariado Caio Prado Jr. (1907-1990)

masculina hegemônica. Tancredo não compactua com as atitudes do comendador, tio de Úrsula, que dentro da narrativa representa o centro gerador de violência e opressão na intersecção de gênero, raça e classe: a virilidade branca senhorial. Desse modo, a autora polariza a concepção do homem branco da elite: Tancredo representa o mocinho, o homem bom, e Fernando o vilão, homem mau, senhor de escravizados, que almeja casar-se com a sobrinha Úrsula. Evidencia-se que Maria Firmina dos Reis, através de uma dicotomia, movimentava a concepção de homem branco dentro da literatura do século XIX.

O romance elabora uma enunciação que se faz aqui anunciação, e que parte da narrativa da memória, por meio do discurso em primeira pessoa do sujeito da experiência: uma mulher africana (Susana), que, como mãe, cria, e molda o caráter do homem negro (Túlio), que por sua vez é o paradigma moral no qual o homem branco (Tancredo) se reconhece. (MIRANDA, 2019, p. 95)

Desse modo, cria-se outra ordem para o mundo: iniciado pelo processo de modificação do imaginário nacional. Podemos analisar que, *Úrsula* se reafirma como romance repleto de originalidade e reflexão. Túlio é um personagem apresentado como homem e não como um escravizado. Um homem que será o parâmetro moral dentro da narrativa. O personagem é o herói que salva a vida de Tancredo.

5. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida à luz do Livro *Silêncios Prescritos* da autora Fernanda Miranda, com o propósito de investigar as contribuições da autora para contemporaneidade e também na observância do silenciamento da autora e da obra na historiografia literária. O trabalho de cunho bibliográfico foi dividido em capítulos para contemplar o recorte no que tange os aspectos relacionados às questões raciais e de gênero dentro do enredo analisado. Com o trabalho, foi possível identificar a estética da estrutura do romance,

A narrativa de Firmina e o contexto do Século XIX

A narrativa de Firmina é organizada em dois eixos, o romance apresenta duas estruturas a partir dos eixos que a narrativa ganha densidade e construção do enredo. O eixo principal da construção da obra, é estruturado dentro do perfil do gênero romântico: Descrições do espaço físico, exaltação da natureza, sistema de amor impossível e a figura virginal da protagonista *Úrsula*, repleta de moralidade e ética cristã. Outro aspecto na

obra são as qualidades das personagens femininas, regidas pelo sentimentalismo, o sacrifício e a subserviência da mulher dentro da sociedade patriarcal. Dessa forma, mulheres e escravizados são as principais vítimas do patriarcado.

Dentro do primeiro eixo, podemos analisar que Úrsula é uma personagem que não apresentará padrões que fujam da ideia das personagens femininas da época. A personagem vê sua vida condicionada aos ímpetos dos poderosos homens brancos. Ela e a mãe vivem em situação de poucos recursos materiais, outro fato importante é, acerca do pai de Úrsula que já é falecido, com isso, podemos levantar como hipótese que a situação econômica da personagem está relacionada com a morte do pai, uma vez que, mesmo as mulheres brancas não tinham muita autonomia.

É importante salientar que, mesmo não sendo o eixo central, é a partir do segundo eixo da narrativa que desponta a potencialidade da autora, assim, será o eixo que será analisado detalhadamente dentro da pesquisa. Trata-se da narrativa de Túlio e Susana, duas personagens negras cujas vozes anunciam perspectivas não pronunciadas anteriores à obra de Maria Firmina dos Reis. Conforme Roberto Reis, esse duplo eixo dentro da narrativa era recorrente nos romances do século XIX: “haveria, na ficção do século XIX em geral uma antecena e um fundo de cena, constituindo como que dois níveis espaciais dentro da narrativa” (REIS, 1987, p. 21). Susana e Túlio são personagens periféricos, o enredo principal do romance não é sobre eles. A obra é constituída de vinte capítulos, apenas três são direcionados aos personagens. Tais aspectos não reduzem a potencialidade dos personagens ao adentrarem no espaço enunciativo, que era negado aos personagens negros da época e que também constituem a força anicolonialista dentro da narrativa. Dessa maneira, os personagens podem ser considerados protagonistas do segundo eixo narrativo (margem), e é através desse lugar secundário que constituem sentidos que reelaboram o eixo central da narrativa (centro). A margem, no romance, é o lugar que possibilita outra configuração para o imaginário nacional. As vozes dos personagens negros surgem da margem da ficção.

A escrita da Maria Firmina dos Reis introduz um signo novo ao mundo, de noções da razão colonial, pois inscreve o negro enquanto sujeito. Após Tancredo passar um longo período de recuperação de saúde, sob os cuidados de Túlio e Úrsula, Tancredo restabelece sua saúde e como forma de demonstrar gratidão a Túlio, ele compra sua liberdade. Nessa cena, podemos observar a condição privilegiada do mancebo, homem, branco da elite que

tem o poder de modificar o percurso de vida das personagens. É importante mencionar que Túlío é uma personagem que já nasceu escravizada. Dentro dessa ótica, a noção de liberdade da personagem é um parâmetro de quem nunca foi livre, ou seja, uma visão despojada da liberdade.

Tinha-se alforriado. O generoso mancebo assim que entrou em convalescença dera-lhe dinheiro correspondente ao seu valor como gênero, dizendo-lhe: — Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade. Túlío obteve, pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes — era livre como o ar, como o haviam sido seus pais, lá nesses adustos sertões da África; (REIS, 2018, p. 33)

A alforria de Túlío é oferecida como um presente, que era seu por direito nos Sertões da África (REIS, 2018). Outra passagem importante levantada pelo narrador: “aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes” (REIS, 2018, p.33). Desse modo, podemos observar o tom crítico dado pelo narrador, que possibilita ao leitor a amplitude do questionamento trazido pelo romance: que a liberdade deveria ser para todos os vivos. As indagações continuam quando Túlío comunica para Susana que iria partir com Tancredo, a personagem pergunta: “que te adianta trocares um cativo pelo outro!” (REIS, 2018, p.101). Podemos inferir que na visão de Susana, a emancipação de Túlío, está condicionada ao mancebo, ou seja, a liberdade do personagem é questionável, em detrimento ao sentimento de gratidão. Susana, diferente de Túlío, não nasceu escravizada, ela veio livre de seu país de origem e tornou-se escravizada no Brasil. Dessa forma, a visão de liberdade da personagem é legítima, pois a mesma já foi livre quando vivia em algum país africano. É relevante destacar que o romance torna-se ainda mais significativo por inaugurar a experiência negra da diáspora (MIRANDA, 2019), que fica mais evidente no capítulo IX, intitulado *Preta Susana*. A personagem exerce um papel decisivo na obra, suas falas trazem uma estética de memória ficcionalizada e também testemunhal. Observamos pela primeira vez na história da literatura brasileira uma personagem da diáspora que tem sua voz salientada pela primeira pessoa do discurso. Susana é africana, a autora não revela a nacionalidade, apenas que a personagem é africana.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas[...] (REIS, 2018, p.122)

A voz da personagem Susana elucida uma sociedade escravocrata que destituiu a personagem de autonomia, colocando-a na condição de escravizada. Tais aspectos reforçam a importância da memória ficcionalizada de uma personagem diaspórica e sobrevivente da travessia marítima para o Brasil. “Um arquivo que elabora, pela primeira vez na ficção, a experiência histórica do sujeito na diáspora forçada. Um arquivo que questiona o ordenamento colonial do mundo” (MIRANDA, 2019, p.73). A personagem reflete sua condição de escravizada de forma crítica, com a consciência de ser uma mulher que foi destituída de terra, família e independência.

Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade!
(REIS, 2021, p.121)

As reflexões de Susana, como mulher livre em seu país de origem, ressaltam a originalidade da autora em criar uma personagem diaspórica, que analisa o processo da sua escravização através da recordação do seu passado na África, ressaltando novamente a memória ficcionalizada na narrativa. Ao criar uma personagem repleta de carga afetiva com seu passado antes da diáspora, a autora cria uma trama densa e original. No enredo construído dentro da memória da personagem, é provocado um dissenso na comunidade imaginada, concedida nos romances e em outros discursos de nação. Para um momento da história em que a literatura exerceu um lugar de se pensar a construção do imaginário nacional, uma personagem como Susana que não reconhece o Brasil enquanto nação, apenas um lugar desprovido de liberdade, causa um dissenso para o projeto literário da época, fazendo repensar a subjetividade dos personagens escravizados, que por muito tempo não estiveram presente nos romances do século XIX. Podemos comprovar esse dissenso, pois a personagem não reconhece o Brasil como um lugar favorável, assim, ao longo da narrativa, a personagem resgata o território africano dentro de suas lembranças, elaborando sua memória afetiva com o território africano. A enunciação da personagem amplifica o repertório de imaginação do leitor, dentro de uma compreensão externa ao território latino, tendo em vista que é a memória ficcionalizada de uma personagem africana. Embora Susana só apareça na metade da narrativa, é uma personagem

fundamental para redirecionarmos o olhar para os personagens negros a partir de um lugar de fala, em que estão inseridos na narrativa com suas subjetividades. Através da fala de Susana, narrando sua vida antes de tornar-se escravizada, a autora deixa evidente para os leitores da segunda metade século XIX a existência de uma mulher que possuía vida própria até o dia em que os europeus romperam sua vivência livre, uma pessoa que foi destituída de vida reduzindo-se à condição de escravizada. As memórias da vivência da personagem levam para a superfície textual um passado ocorrido no espaço africano, tensionando o passado que os romancistas prezavam na narrativa e que os discursos ficcionais de nação idealizaram no indígena mítico. Outro fragmento importante é a descrição física da personagem feita pelo narrador. Susana é uma senhora, dessa forma, é o oposto das caracterizadas por outros autores abolicionistas, que retratam a mulher negra explorando o lado sexual das personagens.

Maria Helena Machado reconhece a possibilidade de Maria Firmina dos Reis ter sofrido alguma influência da escritora estadunidense Harriet Stowe, autora do livro *A Cabana do Pai Tomás* (1852), publicado em língua portuguesa em 1853.

Úrsula também apresenta algumas dessas características. Não sabemos se Firmina teve a oportunidade de ler o romance, nem se dele ouviu relatos ou apenas menções. Mas, pelos indícios que temos da precoce divulgação *d'A cabana* no Maranhão, é provável que ela, ao escrever seu próprio romance, tivesse algum grau de intimidade com a obra. A leitura de *Úrsula* sugere que Maria Firmina absorveu características importantes do vocábulo sentimentalizado de Stowe, criando, porém, uma narrativa mais complexa. (MACHADO, 2021, p.34)

A pesquisadora ainda verifica que a autora vai além ao dar voz aos personagens escravizados. O romance cria uma narrativa original estabelecendo outro tipo de narrativa. Novas pesquisas vêm corroborando para um lugar singular para Maria Firmina dos Reis: “o de uma mulher que lucidamente ultrapassou todas as barreiras raciais, sociais e de gênero” (MACHADO, 2021, p.14). Através dos personagens Tulio e Susana, a autora redireciona o olhar para os personagens escravizados, evidenciando ao mundo que mulheres negras e homens negros têm voz e subjetividades dentro das narrativas românticas do século XIX. Com o romance inaugural da autora, podemos observar a preocupação ao textualizar de forma digna os escravizados.

Outro aspecto que merece atenção é o prólogo da obra; Maria Firmina dos Reis engendrou um prólogo que nos facilita no conhecimento de seu projeto literário, ao iniciar com adjetivos que subalternizam sua obra. “Nos prefácios femininos, transparece o peso da "culpa" (?) e o medo de ser repudiada, ou de ser ignorada, compondo um estranho

jogo.” (MUZART, 1990, p. 65), Zahidé Muzart argumenta que esses aspectos seriam artifícios para as autoras adentrarem no espaço letrado, que era um ambiente majoritariamente branco e masculino. Assim, podemos observar que o prólogo da obra está atrelado a uma prática comum da época, que invisibilizava as autorias femininas. O prólogo do romance justifica sua existência.

MESQUINHO E HUMILDE LIVRO é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. Então por que o publicas?, perguntará o leitor. Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites[...]”(REIS, 2018, p.11)

Com o prólogo de *Úrsula*, podemos inferir que a autora teve consciência da sua empreitada no meio literário. A escritora atesta: “sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume”(REIS, 2018, p.11), ou seja, o uso dos verbos *saber* na primeira pessoa no prólogo confirma que a autora tinha compreensão dos embates de recepção que atravessariam sua obra e, ainda assim, publica seu romance. Na segunda ocorrência no uso do verbo, a visão da autora amplifica: denunciando que para o círculo letrado da época uma obra de autoria feminina passaria de forma invisibilizada e até como um escárnio para a intelectualidade masculina branca. Maria Firmina continua: “Então por que o publicas? “Perguntará o leitor...” (REIS, 2018, p.11), de forma assertiva a autora responde: “e venha a produzir coisa melhor, ou quando menos sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras...” (REIS, 2018, p.11), evidencia-se mais uma vez a justificativa de sua obra. A escritora apresenta movimentos que se complementam e também transgridem o contexto histórico de enunciação. Ao fazer essa ação, Maria Firmina dos Reis ressalta o desejo de que seu romance vire potência e conseqüentemente um estímulo para que outras mulheres publiquem. “Ela também está nos dizendo do peso - e / ou da liberdade - que é não ter um passado literário no qual se apoiar: não havendo um antes (?), restava apostar no devir” (MIRANDA, 2019, p. 81). Dessa forma, o distanciamento de uma tradição literária feminina brasileira, sobretudo, de autoria negra, de mulheres que pudessem ser tomadas como padrão de

realização e identidade, causaria no lugar de uma ansiedade de influência ⁴, uma ansiedade de autoria. Esse devir teve um intervalo de aproximadamente cem anos, com o surgimento de Ruth Guimarães, primeira autora negra a publicar um romance depois de Firmina.

No Brasil, o aparecimento de autoras publicadas é registrado nos primeiros estudos históricos da literatura, que surgem aproximadamente com a independência do Brasil. Regina Zilberman cita três ocorrências: autoras e professoras gaúchas Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Luciana de Abreu e Maria Benedita Bordann. Segundo a pesquisadora, se tivessem sido consideradas, alterariam o cânone que a historiografia da literatura consagrou.

Durante algum tempo, críticos literários levantaram indagações sobre Maria Firmina dos Reis ter sido ou não a primeira romancista brasileira publicada. O crítico Wilson Martins questiona: “Nasceram, no Brasil, Teresa e o irmão Matias Aires Ramos da Silva de Eça, é verdade, mas aí termina toda a sua brasilidade.” (MARTINS, 1979, p. 368), a respeito da escritora Teresa Margarida da Silva Orta, que aos cinco anos de idade vai morar na Europa. Em seu artigo *A primeira romancista brasileira*, publicado no *Jornal do Brasil*, em 11 de novembro de 1975, e republicado em Madri, Espanha, intitulado: *La primera novelista brasileña*:

Maria Firmina dos Reis es, realmente, la primera novelista brasileña. Porque si bien hay el antecedente de Teresa Margarida da Silva Orta, hermana de Matias Aires, autora famosa de las Aventuras de Diófanos, libro publicado por primera vez en Lisboa en 1752 con el seudónimo de Dorotea Eugrassia Taveda Dalmira, bajo el modelo de las Aventuras de Telémaco tal y como sugiere su título ese libro no constituye materia específica en cuanto a su autor se refiere, y por otra parte, como bien señala Antônio de Oliveira, no es un libro de temas brasileños. Todo lo que se sabía de Maria Firmina dos Reis antes de los estudios de estos dos investigadores marañenses se limitaba a una breve nota en el sexto volumen del Diccionario Bibliográfico Brasileiro, de Sacramento Blake. La escritora nació en São Luiz do Maranhão el 11 de noviembre de 1825 y fue profesora de primeras letras en una escuela del interior de aquel Estado. Sin indicar fechas de publicación, Sacramento Blake registra tres libros de Maria Firmina: Cantos a Beira Mar, Poesias y dos novelas, Ursula y A Escrava. (MONTELLO, 1976, n. 41, jun)

Anterior à publicação do romance *Úrsula*, temos *As aventuras de Diófonos* (1777), da autora Teresa Margarida da Silva Orta. Alguns críticos atribuem à autora

4

setecentista o título de primeira escritora romancista brasileira, porém, não existe um consenso entre a crítica literária. *As aventuras de Diófonos*, que se inspira em *A viagem de Telêmaco*, de Fénelon têm suas raízes no contexto cultural europeu. Desse modo, a autora faz parte da literatura portuguesa” (LOBO, 2014, p.112). Assim, adotaremos como pioneira a escritora Maria Firmina dos Reis.

O próprio romance interrompe as bordas do silêncio. É próprio da margem ser plural, em contrapartida, o centro sempre buscará se afirmar como unidade-“o centro”, singular. Porque aflora dá margem, a narrativa não se restringe ao uno, ao contrário, seu discurso projeta uma forma interseccionalizada de observar as dinâmicas de poder, sem apagar a alteridade (MIRANDA, 2019, P.94)

Maria Firmina dos Reis é pioneira da autoria feminina negra no romance brasileiro. É também precursora da literatura abolicionista e anticolonialista. A partir de sua obra e dos paradigmas enunciativos dados pela autora, é possível estabelecer novas perspectivas dentro da literatura brasileira. Partindo das contribuições e originalidades enunciativas em seu romance, a pesquisa tem o intuito de contribuir com novos estudos acerca da escrita firminiana. A partir da autora, desponta um novo lugar para as romancistas negras dentro da literatura brasileira.

O Romance é anterior ao abolicionismo no Brasil. Dessa forma, podemos perceber a importância de *Úrsula* dentro do cenário oitocentista. No ano da publicação da obra (MARTINS, 2016) a estreia do livro foi noticiada em jornais maranhenses. No início de 1860 a obra foi sendo alvo de resenhas e comentários em jornais. Assim, podemos perceber que a obra foi percebida pela imprensa maranhense. “Entretanto, ainda que a autora tenha superado as barreiras matéricas do seu tempo para escrever e publicar, sua obra depois ficou totalmente esquecida.” (MIRANDA, 2019, p.77). A segunda edição da obra só foi realizada em 1975.

Sua escrita instaura um signo novo e disruptivo no mundo de significações da razão colonial, pois inscreve o negro enquanto sujeito de uma experiência histórica anterior à escravização, com vínculos afetivos, pertencimentos territoriais e ética de existência coletiva (MIRANDA,2019, p.83)

É importante destacar que, os personagens escravizados são regidos pela tensão com o ordenamento colonial. Assim, a organização do ordenamento colonial é

questionado não só pelos personagens negros, mas também pelo narrador. Tais aspectos ficam ainda mais evidentes no nono capítulo de romance. Ao dar voz aos personagens negros num momento anterior à abolição, projetando, assim, um porvir que se inicia dentro do campo literário. Esses aspectos evidenciam que Maria Firmina estava atenta para as questões que ainda não estavam sendo pensadas dentro da sociedade oitocentista. Através de sua escrita a autora interveio no processo político vigente. Ao dar dimensão humana aos personagens negros, que até então eram objetificados nas narrativas, Firmina rompe com o silenciamento desses personagens.

Com o esquema a seguir, podemos observar que, os personagens negros estarão na base do enredo. Túlio aparece logo no primeiro capítulo, sendo o parâmetro moral, herói que salva a vida do homem branco. Susana, é a segunda personagem que será apresentada, uma mulher consciente, e que será outro grande parâmetro moral dentro da obra. Antero não será o parâmetro moral dentro da narrativa, mas é uma personagem fundamental para redirecionarmos as noções humanas, uma vez que, a personagem será o mais próximo da representação da fragilidade da figura humana.

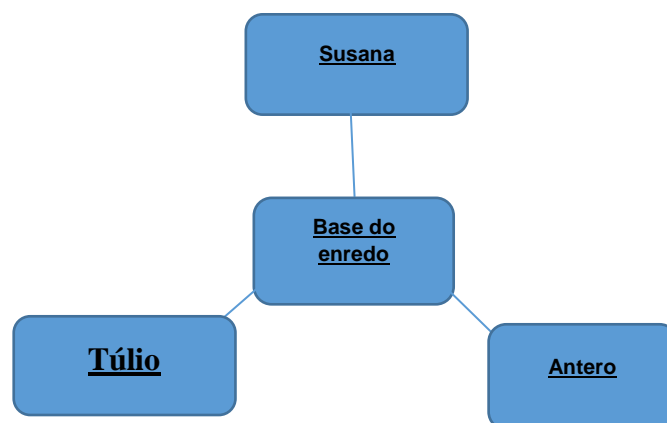


figura1- Personagens negros na base do enredo

Fonte: Mainara Galvão. Trabalho de conclusão de Curso

Como podemos analisar, no romance de Firmina os personagens negros estarão na base de todo o romance, não apenas isso, os escravizados serão contemplados a partir de um enfoque particularizado, que os humaniza. É importante destacar que a

humanidade trazida pela autora é disruptiva, no sentido de romper com o silenciamento da situação dos escravizados dentro da tradição romanesca no Brasil. Os personagens serão elaborados baseados dentro de suas subjetividades, num período em que os personagens negros não tinham humanidade dentro dos enredos de fundação. Além disso, podemos observar os distintos vieses em que a narrativa em torno deles se dará. Assim, ocupando diferentes lugares dentro da narrativa.

Os respectivos personagens Susana e Antero, representam perspectivas enunciativas distintas, ambos eram livres em África e tornaram-se escravizados no Brasil. É importante destacar que, dentro do enredo, tais personagens enfrentam o processo de escravização de maneira distinta. Susana encontra nas lembranças em África um resgate de sua ancestralidade, enquanto Antero representa a fragilidade do humano, recorrendo à bebida. Deve-se analisar que, diante do contexto opressor, ambos, em algum momento da narrativa, vão reconhecer que não existe vida possível para eles no Brasil. Assim, analisar tais personagens torna-se relevante para investigar quais os propósitos enunciativos que a autora pretendia ao elaborá-los

Capítulo Nove: A preta Susana

A personagem Susana é uma personagem fundamental para redirecionarmos o olhar sobre o processo de escravização do Brasil do século XIX. Susana é uma personagem complexa, uma sobrevivente da travessia marítima e através do seu lugar de fala, pessoa que foi escravizada, a personagem irá contar a sua versão da história. “O pertencimento ao território africano impresso na oração *livre como éreis na vossa pátria* é o gatilho que leva a velha africana a navegar em seu arquivo do pretérito.” (MIRANDA, 2019, p.108). A partir dessa fala com Túlio, Susana começa a relembrar seu passado livre na África.

(...) continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e

arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018,p.69 a 70)

No discurso literário era comum o apagamento ou a estereotipação dos personagens negros, com isso, foi criada uma tradição romanesca que naturalizou o silenciamento e no caso das personagens femininas, a objetificação de seus corpos. A humanização dada à Susana não só questiona tais aspectos como atravessa um espaço até então negado. Além disso, a personagem não será retratada de forma hiperssexualizada. Ainda sobre tais reflexões Conceição Evaristo menciona:

A presença do africano e sua descendência como sujeito escravizado era real, concreta e fazia parte do cotidiano do escritor, não só de José de Alencar, mas de outros escritores da época nascidos no seio de famílias donas de escravos. O conceito que o escritor tinha do africano não se distinguia do que era veiculado na época: o africano era só um corpo escravo. Reiteramos as nossas observações com a de Heloísa Toller Gomes, quando a pesquisadora afirma que seria “mais difícil, senão impossível, idealizar o negro escravizado”.(EVARISTO,2010, p. 22 e23)

A partir do trecho que Susana refere-se aos colonizadores como bárbaros, percebemos uma possibilidade enunciativa que inverte a concepção hegemônica de mundo, a qual ditava que povos não brancos, como os indígenas e negros eram os bárbaros. Por meio da fala de Susana, narrando sua vida antes de ser capturada e escravizada, podemos inferir que Maria Firmina dos Reis evidencia um outro lugar para o processo de escravização, o qual rompe com os limites etnocêntricos. Susana refere-se à África como sua verdadeira pátria, assim, gerando um dissenso entre o território brasileiro. Outro aspecto importante é a construção física que Maria Firmina engendra a personagem Susana, de forma que podemos elaborar uma imagem de uma senhora, uma espécie de anciã.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela

gentilzinha, e em sua inocência parecia um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la...(REIS, 2018, p.70)

Na passagem acima, podemos observar que, para o ordenamento colonial do mundo, uma personagem repleta de complexidade, noções civilizatórias, inverte a lógica colonial de existência. Uma vez que, os europeus consideravam os povos não brancos como bárbaros e sem noções civilizatórias. Assim, a autora amplifica o repertório cognitivo do leitor. Susana é uma personagem que demonstra de forma explícita as noções civilizatórias em África, além disso, o texto possibilita ao leitor a elucidação das mazelas que a escravização significou para a população negra no Brasil.

Durante três séculos (do século XVI ao XVIII) a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo. Muitos chegavam a justificar a escravidão, argumentando que graças a ela os negros eram retirados da ignorância em que viviam e convertidos ao cristianismo. A conversão libertava os negros do pecado e lhes abria a porta da salvação eterna. Dessa forma, a escravidão podia até ser considerada um benefício para o negro! Para nós, esses argumentos podem parecer cínicos, mas, naquela época, tinham poder persuasivo. A ordem social era considerada expressão dos desígnios da Providência Divina e, portanto, não era questionada. Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos. De acordo com essa teoria, não cabia aos homens modificar a ordem social. Assim, justificada pela religião e sancionada pela Igreja e pelo Estado-representantes de Deus na Terra-, a escravidão não era questionada. A Igreja limitava-se a recomendar paciência aos escravos e benevolência aos senhores. (COSTA, 2008, p. 13)

Segundo Costa, no Brasil o argumento que era sustentado era a condição de paternalismo no funcionamento da escravização, “uma vez que era comum entre os escravocratas o argumento que no Brasil o cativo humano não era violento, que aqui os senhores eram benevolentes” (BENEVIDES, 2017, p.35). É importante mencionarmos que, na segunda metade do século XIX, Joaquim Manoel Macedo é um dos autores que estava sendo lido pela elite letrada da época, em *As Vítimas-algozes*, o autor apresenta-se como abolicionista mas a intencionalidade do enredo abolicionista é questionável, uma vez que, a justificativa para o fim da escravização, segundo o autor, seria proteger os próprios senhores. Assim, Joaquim Macedo elabora uma narrativa afirmando que a escravização possibilitaria a transformação das vítimas(os negros) em algozes do senhores.

Com a narrativa de Maria Firmina dos Reis, podemos evidenciar os danos psicológicos que representou o processo de escravização no Brasil. Na obra, a

personagem que através dos seus relatos elucidada todo o processo de opressão desde o momento em que foi sequestrada pelos europeus. Rompendo com tais aspectos, a personagem Susana traz para a superfície do texto sua experiência em território brasileiro, uma experiência que aponta questões que envolvem violência e opressão. Dessa forma, podemos observar que a vivência da personagem dilui a imagem de país paternalista e acolhedor.

Susana tem compreensão de ser oprimida, em algumas passagens a personagem afirma que só será livre novamente após sua morte. A personagem possui a chance de fugir, mas por ser inocente, recusa. Podemos observar que a personagem será um dos parâmetros morais dentro da narrativa.

Ao longo da narrativa, Susana recorda todo o sofrimento que passou após o processo diaspórico. Em algumas passagens, Susana reflete sobre sua vida recorrendo a Deus: “Não sei ainda como resisti – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de sua serva com novos tormentos que aqui me aguardavam.” (REIS, 2004, p.18) Na passagem, podemos observar, que a personagem recorre a uma intervenção divina, ou seja, não há solução para seu sofrimento nas leis humanas ocidentais, a não ser recorrer à Deus. Ao longo do capítulo, retomando fragmento transcrito acima, em que Susana relata sua experiência com os brancos colonizadores :

[...]Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira –era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas,e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. [...] Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. (REIS, 2018, p. 102-103).

Conforme Eduardo de Assis, essa é uma das cenas mais impactantes que retrata a vivência de uma mulher negra no século XIX. A situação de aprisionamento e o sequestro de Susana alcançam a mesma importância e o mesmo simbolismo da cena de Memória póstumas de Brás Cubas, obra escrita posteriormente, segundo Eduardo e Assis.

(...) em que Machado de Assis coloca seu protagonista ainda criança montado nas costas do menino Prudêncio, para fazer dele uma cavalgada e, ao mesmo tempo, uma alegoria perfeita da situação do negro diante da escravidão: o pobrezinho é colocado de quatro e serve de montaria para o herdeiro da Casa-grande, que o agride e ainda o nomeia de “besta”. (DUARTE, 2018, p 230)

Podemos analisar o caso de Machado de Assis que durante algum tempo foi alvo de duras críticas que, o acusavam de não se posicionar acerca da situação do negro no Brasil, “uma censura injusta àquele que buscava refletir sobre o homem em sua complexidade, independentemente da cor da pele (EVARISTO, p.14) É evidente que, entre ambas as obras existem diferenças de enunciação. Machado de Assis é um autor que elucida suas narrativas por meio de tons irônicos. Já em *Úrsula* tem um enredo mais reto, no sentido da objetividade dos propósitos enunciativos. Em *Úrsula*, temos uma personagem que fala na primeira pessoa, uma mulher nascida livre, que casou, foi mãe, que viveu dentro de uma sociedade estruturada. Além disso, uma personagem que vai restabelecer os padrões do ordenamento colonial do mundo “não apenas assume a indignação própria do ser humano aprisionado injustamente, como também inverte o atributo de inferioridade.” (DUARTE, 2018, p.230-23), ou seja, bárbaros são os sequestradores, são os que escravizam.

É percebido dentro do romance de Maria Firmina dos Reis um confronto direto com o sistema hegemônico. “Não custa lembrar que esta é a primeira vez em que a captura e a escravização de africanos são representados na literatura brasileira...” (DUARTE, 2018, p.231), ou seja, a autora posiciona-se politicamente acerca do sistema escravocrata vigente. É importante ressaltar que a abolição da escravatura ocorreu aproximadamente trinta anos após a publicação de *Úrsula*. Assim, a autora não só foi a primeira a textualizar a experiência negra diaspórica e o tráfico negreiro, mas também sendo uma autora abolicionista.

(...) sendo *Úrsula* o gesto inaugural de toda uma linhagem abolicionista em nossas letras. Publicado há mais de século e meio, o romance se destaca pela contundência com que expõe os métodos de abordagem daqueles que transformam seres humanos em mercadoria e força de trabalho submissa. A diegese, o tom, e a própria escolha vocabular explicitam a perspectiva autoral, identificada aos sofrimentos das vítimas. (DUARTE, 2018, p.231)

A autora inaugura temas que até o momento não estavam sendo problematizados. Pela primeira vez dentro da literatura brasileira o território africano é tematizado, não apenas isso, é retratado como um Lugar repleto de valores civilizatórios. “se planta e se colhe, se casa e se fazem filhos, em que existem valores e sentimentos de família e de pátria.” (DUARTE, 2018, p.231). Na narrativa podemos analisar os efeitos nefastos do processo de escravização, onde os brancos invadiram e sequestraram um povo e tiraram sua dignidade em razão dos seus valores eurocêtricos.

Susana é uma personagem fundamental dentro da obra, pois através da memória da personagem temos um registro que testemunha e ratifica todas as mazelas do processo de escravização. A personagem descreve detalhadamente todo horror vivenciado por um africano dentro de um navio negreiro.

Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos. (REIS, 2018, p. 103)

A denúncia na fala de Susana evidencia o drama das vítimas desse processo aterrorizante. Dessa forma, Maria Firmina instaura outro lugar para o negro dentro da literatura brasileira. A criticidade que a autora elabora suas personagens evidencia, a preocupação de Firmina em tirar essas personagens de lugar de invisibilidade para colocá-los num lugar posicionado dentro da história do Brasil: De opressão e principais vítimas da colonização.

Ao nomear o porão como “sepultura”, o texto de Maria Firmina ecoa a designação de “túmulo” para o navio utilizado na condução da “mercadoria humana”. Segundo Nei Lopes, tal nomeação “alude às condições em que eram transportados os africanos escravizados para as Américas.” Derivado de “tumba”, remete ainda ao indivíduo responsável por levar os mortos à sepultura. (LOPES, 2004, p. 659). A inscrição conflui, portanto, para a constituição de um campo semântico marcado pelos signos da agonia e da morte (DUARTE, 2018, p. 233)

Assim, a autora elabora a perspectiva daquele que foi escravizado. Além disso, Susana é uma sobrevivente da travessia para o Atlântico. Dessa forma o texto ganha densidade histórica e humana. (DUARTE, 2018). Susana é uma personagem profunda e com um psicológico denso. Susana era livre, casada e mãe, até o dia do rompimento de

sua liberdade, para tornar-se uma escravizada. Em todas as falas em que a personagem rememora sua vida antes do sequestro, percebemos um resgate da sua ancestralidade, que dentro da perspectiva da personagem irá confrontar com o território brasileiro, um lugar de opressão para Susana.

Antero e a representação da fragilidade humana

Antero é o terceiro personagem negro que aparece na narrativa, é uma personagem que não será um exemplo moral, como Túlio e Susana. Antero é viciado em bebida alcoólica, assim como Susana, ele também é um sobrevivente da travessia para o Atlântico. Se Susana é a personagem que será um dos principais parâmetros morais do enredo, Antero é o que mais irá se aproximar das fragilidades humanas. Antero recorre a bebida como uma forma de escapar da dura realidade encontrada no Brasil. O personagem também sente saudades da África. Num diálogo com Túlio, podemos evidenciar que Túlio tenta aconselhar pai Antero sobre o vício:

— Que mau vício em verdade, pai Antero... Sempre a fumar e a beber. Não vos envergonhais de semelhante procedimento? Que conceito fará de vós o senhor comendador?! — Que conceito? — interrogou o velho desapontado — Que conceito! É o único vício que tenho; e ainda por conservá-lo não prejudiquei ninguém. (REIS, 2018, p. 121)

Ainda que, pai Antero não seja o parâmetro moral, como Túlio e mãe Susana, ele será um personagem crítico e que não está alheio acerca da sua condição dentro da sociedade escravocrata. O personagem levantará indagações que confrontam diretamente a sociedade escravocrata: “É o único vício que tenho; e ainda por conservá-lo não prejudiquei ninguém.” (REIS, 2018, p. 121), ou seja, diferente do comendador que prejudica diretamente os personagens oprimidos dentro da narrativa. Antero tem ciência do seu vício, mas ele sabe que o maior prejudicado é o próprio personagem, diferente do Fernando que irá prejudicar todos os personagens dentro do enredo.

— Pois bem, — continuou o velho — no meu tempo bebia muitas vezes; embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro

era meu, não o esmolei. Entendes? — Perfeitamente, — retorquiu Túlio, fingindo sorrir-se.(REIS, 2018, p. 121)

Maria Firmina insere mais uma personagem que corrobora com a visão de África como um lugar repleto de noções civilizatórias. Em seu país de origem no território Africano, Antero não precisava esmolar para conseguir sustentar seu vício, pois ele trabalhava e ganhava o seu próprio dinheiro. No diálogo acima percebemos o questionamento de Túlio em relação à bebida. Dessa forma, compreendemos a importância do trabalho para Antero. Novamente observamos a importância da liberdade, pois, se Antero sustentasse seu vício, ninguém iria contestá-lo. Assim, a personagem inverte a ideia de que o problema seja o seu vício e sim não ter ferramentas, como o trabalho assalariado, para sustentá-lo.

— Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira.(REIS, 2018, p. 122)

Ao inserir elementos da cultura africana, novamente, a autora amplia o repertório cognitivo do leitor. O vinho de palmeira ou vinho de palma, também conhecido como vinho de dendê, é comum em muitas culturas africanas, principalmente em contextos de festas ou celebrações. O personagem ainda enfatiza que a bebida típica da África é melhor que a cachaça brasileira. Tiquira é uma bebida muito comum no Maranhão. Se em outras obras fundacionais a intenção era exaltar o território brasileiro, na obra de Maria Firmina vemos a realidade do ponto de vista de um personagem diaspórico, que tem sua experiência civilizatória e cultural arraigada em outro território. Assim, evidenciando ao leitor noções civilizatórias, uma narrativa que não idealiza ou forja a história do Brasil e sim amplifica para além do território brasileiro.

A aparição de Antero dentro do romance é curta, mas o personagem é importante para relatar sua memória em seu país de origem. Se Susana acredita que só será livre novamente depois da morte, Antero afunda suas tristezas na cachaça. Desse modo, analisamos que, o personagem encontra na bebida um escape para aliviar sua condição de escravizado. A escrita firminiana novamente se posiciona a respeito das condições dos personagens diaspóricos: não há vida para os escravizados no Brasil.

Firmina: Escravização e Patriarcado no século XIX

Além das noções e complexidades que Maria Firmina dá aos personagens negros em *Úrsula*, outro ponto importante na obra são as personagens femininas. Através do romance evidencia-se que os personagens negros e mulheres têm voz, num dado momento em que o oprimido não estava sendo contemplado dentro da tradição romanesca brasileira.

(...) o texto marca-se pela linearidade narrativa e por personagens desprovidos de maior complexidade psicológica. Tais figuras vivem situações extremas, marcadas pelo acaso e por mudanças bruscas do destino. Situando *Úrsula* no contexto da narrativa folhetinesca, pode-se aquilar o quanto a escritora se apropria das técnicas do romance de fácil aceitação popular, a fim de utilizá-las como instrumento a favor da dignificação dos oprimidos – em especial a mulher e o escravo. (DUARTE, 2004, p. 269)

Dentro dessa perspectiva, Maria Firmina dos Reis transgride o silenciamento dessas personagens. Além de inseri-las, a autora comprova a opressão que essas personagens atravessam, uma vez que, todo o enredo é construído em torno do mandonismo patriarcal e senhorial. A mocinha do romance, a própria *Úrsula*, segue um padrão de outras personagens da literatura de fundação, como é o caso de Ceci, ambas as personagens apresentam uma inocência e noções cristãs em torno da figura feminina.

[...] engolfava-se de dia para dia em mais profunda tristeza, que lhe tingia de sedutora palidez as frescas rosas de suas faces aveludadas. Pouco e pouco desbotava-se-lhe o carmim dos lábios, e os perdiam seus vívidos reflexos, sem que nem ela própria dessa fé dessa transformação! [...] [...] emanava do peito cândido e descuidoso da virgem. Esse alguém amava a palidez de *Úrsula*, adorava-lhe a suave melancolia, e o doce langor de seus negros olhos. (REIS, 2004, p.45)

A personagem *Úrsula* corrobora com um padrão de outras personagens ultrarromânticas do século XIX. Podemos observar tais aspectos através de alguns adjetivos presentes na narrativa para caracterizar a personagem, como, por exemplo: “mimosa filha da floresta”, “flor educada na tranquilidade dos campos...”, “anjo”, “figura

cândida” (REIS, 2018,p. 58). Além disso, Úrsula ajusta-se com os padrões românticos oitocentistas: Legitimação dos valores patriarcais, instaurando um universo de disputa entre os dois personagens senhoriais: O mancebo e o comendador, que na narrativa representam o mocinho e o vilão.

Infeliz donzela! Por que fatalidade viu ela esse homem de vontade férrea, que era seu tio, e que quis ser amado?! Esse homem que jamais havia amado em sua vida; por que a escolheu para vítima de seu amor caprichoso, a ela que o aborrecia, a ela a quem ele tornará órfã, antes de poder avaliar a dor da orfandade? A ela que amava a outrem, cujo nome devia conhecer; por que mais de uma vez o vira no tronco da árvore, enlaçado com o de Úrsula, a ela que toda sua alma, toda a sua vida pertencia agora a esse jovem cavaleiro?! (REIS, 2004, p. 157)

Devemos ressaltar que, na lógica patriarcal, a disputa se dará sempre em torno do tensionamento entre dois homens, e a mulher é colocada como uma espécie de objeto de disputa e dos desejos masculinos. Além disso, a escolha do nome do romance e da personagem: *Úrsula*, que é mais um sinalizador dessa proposta romântica da personagem. “Úrsula é o nome de uma santa britânica crucificada - (Santa Úrsula empresta seu nome à congregação das Ursulinas, uma Santa britânica que viveu no século IV...” (RODRIGUES, 2016, p.59). Assim, podemos levantar hipóteses sobre a personagem, as virtudes da personagem estão inseridas num contexto de personagens do século XIX, que eram descritas valorizando o lado cristão, santo e puro das protagonistas, que oprimiam as mulheres. Dentro do enredo, Úrsula não possui autonomia, e demonstra um descontentamento e falta de liberdade dentro da narrativa.

Como já mencionamos anteriormente, a personagem Úrsula apaixona-se por Tancredo, um jovem aristocrático, que é descrito de forma a ressaltar os aspectos melancólicos e benevolentes da personagem. Além disso, a personagem apresenta uma eterna gratidão por Túlio. Através desse sentimento que futuramente se transformará em amizade, podemos observar que Tancredo foge aos padrões de um senhor branco da elite brasileira. Assim, mais uma vez a escrita de Maria Firmina inova aos padrões oitocentistas. A amizade entre as personagens é singular para os parâmetros literários da época. “Esse beijo selou para sempre a mútua amizade que em seus peitos sentiam eles nascer e vigorar. As almas generosas são sempre irmãs. ” (REIS, 2004, p. 26), ou seja,

através do trecho podemos confirmar que a amizade entre ambos era algo que até então não estava disponível aos personagens da época.

Conforme Eduardo de Assis, a escravização e o patriarcado sustentam a base do processo de colonização. “E para que o mandonismo senhorial—sempre em nome de Deus e do Rei—se consolidasse nos corações e mentes até mesmo de suas vítimas, fez-se da palavra discurso, do verbo a Verdade.” (DUARTE, 2018, p.225). Dentro desse viés, podemos destacar algumas obras, como “*O guaraní*”, na dimensão em que o narrador enaltece a figura do Dom Antonio de Mariz como uma figura heroica dentro do romance.

[...] a narrativa de Alencar não diferencia os usos correntes do baraço, instrumento utilizado tanto para o aprisionamento do gado ou das feras encontradas nos matos, prendendo-os pelo pescoço, quanto para cercar os movimentos dos escravizados, possibilitando até mesmo levá-los ao enforcamento. Impossível não lembrar nesse momento da antológica passagem de Doze anos de escravidão, de Solomon Northrup, em que o autor vê de perto a morte ao ter o pescoço preso num baraço atado ao alto de uma árvore.(DUARTE, 2018, p. 225)

Conforme já mencionado, os significados que partem os romances fundacionais *Úrsula* e *O Guarani*, entre ambos, existem diferenças discursivas. Enquanto Alencar irá reproduzir o mandonismo senhorial de forma a naturalizá-lo, Firmina não só subverte a lógica do mandonismo patriarcal como também critica o ordenamento colonial e patriarcal, uma vez que os bárbaros são os brancos. Segundo Eduardo de Assis, Maria Firmina intersecciona as noções de etnicidade, gênero e condição social, o que pode se configurar como “uma das causas do secular silenciamento imposto ao livro, excluído até hoje dos manuais de história da literatura brasileira.” (DUARTE, 2018, p.226), ou seja, o romance de Firmina não corrobora para os padrões que oprimem mulheres e escravizados nos romances do século XIX, é importante salientar, novamente, que os lugares de opressão dentro do enredo serão dados de forma diferente na intersecção de gênero, raça e classe social.

Além de ser o primeiro romance abolicionista da língua portuguesa escrito por uma mulher, em bem poucos enredos brasileiros do século XIX o enquadramento, quase sempre silencioso, da mulher nas teias do poder patriarcal se coloca de forma tão explícita. *Úrsula* se aproxima de clássicos universais da narrativa ficcional ao destacar em praticamente todos os passos do enredo os efeitos deletérios do absolutismo senhorial como ponto de partida das ações. (DUARTE, 2018, p.227)

Logo no início do romance podemos comprovar tais aspectos. Túlio salva a vida do homem branco, o personagem demonstra um senso de humanidade, mesmo sendo um personagem oprimido que sofre todas as espécies de violências acarretadas pela escravização. Logo no início da narrativa a autora deixa evidente que o personagem será o parâmetro de moral da narrativa, homem íntegro que salva a vida do mancebo.

Logo em seguida, o branco recupera aos poucos os sentidos e reconhece naquele negro o homem íntegro que o salvou. E, num gesto inédito no padrão dominante entre o estamento senhorial, aperta a mão de Túlio, dando mostras de ser o “novo homem” almejado pelo feminismo abolicionista da autora. Assim, ao fazer do negro –primeiramente Túlio e, em seguida, Mãe Suzana –referência e verdadeiro paradigma moral da narrativa, o discurso firminiano explicita seu lugar de fala, posicionado num ponto de vista interno ao Outro e identificado à subalternidade a todo o tempo denunciada na narrativa. (DUARTE, 2018, p.227)

A obra de Maria Firmina dos Reis está politicamente posicionada desde o início, não é uma obra despreziosa, pelo contrário, o negro é a elevação moral da narrativa. Tal aspecto inverte os valores da sociedade escravocrata. Dessa forma, mostrando de forma compromissada o engrandecimento humano dos personagens. “A autora rompe corajosamente com o discurso racista hegemônico no Ocidente desde a Idade Média e que adentra à modernidade movido pela voracidade da expansão capitalista e colonial.”(DUARTE, 2018, p.227). Dessa forma, podemos mencionar o conceito de razão negra ocidental, do autor camaronês Achille Mbembe.

Em verdade, o livro de Achille Mbembe apenas mapeia e ratifica algo já conhecido. Do ponto de vista histórico, estabelecido que, da mesma forma que o Oriente sempre foi uma construção do Ocidente, para ficarmos nos termos de Edward Said, o negro, tal como representado na Europa, sempre foi uma construção do branco interessado em explorá-lo.(DUARTE, 2018, p.228)

Dessa forma, essa construção ocidentalizada do negro irá refletir nos romances do século XIX. Maria Firmina dos Reis inscreve sua divergência face à razão negra ocidental. E, dessa maneira, o domínio do patriarcado é representado na perspectiva das vítimas desse sistema, que são os negros e as mulheres. Conforme Eduardo de Assis, Túlio é desprovido de liberdade por suas condições de escravizado; Tancredo, embora

branco e livre, sente a gravidade do mandonismo senhorial, sendo vítima do seu próprio pai, que o manda para longe. Novamente, observam-se os impulsos e descompassos dos personagens senhoriais, que modificam o percursos sobre a vida dos personagens. O pai de Tancredo e o tio de Úrsula representam o patriarcado dentro da narrativa. Para além das representações de poder que tais personagens exercem na sociedade, podemos observar que o mandonismo também estará presente no casamento: exercendo poder sobre as esposas e filhos, oprimindo as filhas, sobrinhas e esposas, e criando padrões masculinos nocivos para seus filhos.

O tio de Úrsula, vilão do romance. Além de escravizar, torturar e assassinar os negros, que não considerava seres humanos, o Comendador investe com a mesma prepotência sobre a sobrinha, a esta altura já apaixonada por Tancredo. E tudo isto depois de deixar a própria irmã entredada anos e anos num leito após tramar a morte do próprio cunhado. Ao final, o Comendador não titubeia em matar Tancredo logo após a cerimônia de casamento deste com Úrsula como forma de demonstrar o absolutismo de seu desejo e a inviolabilidade da vontade patriarcal (DUARTE, 2018, p.229)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

ÚRSULA: Resistência à escravização e aos patriarcado na obra de Maria

Maria Firmina dos Reis não só inseriu personagens negros, mas também os colocou numa posição de dignidade e resgate de seus valores ancestrais. Ainda em África, evidente nas falas de Susana e Antero, a autora constrói um romance compreendendo a necessidade de não apenas dar dignidade aos personagens negros mas também elaborar a história das relações Étnico-racial de povo diaspórico no Brasil. Assim, pensar uma noção de resgate ancestral para seus personagens. “Desse modo, a escritora tenciona recuperar a identidade e, em simultâneo, reconstruir, a partir de uma cultura que se julgava inexistente ou inferior, a história do negro no Brasil.” (ABREU, 2013, p.131). Assim, a autora cria uma estética de memória ficcionalizada. A narrativa diaspórica de Susana, reflete no passado o resgate, a identidade e a liberdade que foram confiscados pelos europeus.

Susana é a verdadeira africana que, tendo sido capturada, arrancada à sua terra e à sua família, e vivido a inumana travessia do Atlântico, se ergue como uma testemunha privilegiada da história de todos aqueles que viveram a mesma situação. Nessa ordem de ideias, a escrita em *Úrsula* é de memória. Legitimada pelo sofrimento da escravidão, a escrava protetora de Túlio, como a voz do outro, faz a ligação entre o passado e o presente, não deixando cair no esquecimento o mal que a instituição escravagista provocou ao africano. (ABREU, 2013, p. 132)

Susana é uma testemunha que através do seu lugar de fala, explicita todo o seu processo de escravização. Assim, uma verdade dita não por quem a escravizou e sim por quem foi escravizada. Na passagem que a personagem questiona Túlio a respeito de sua liberdade, Susana indaga a impossibilidade de haver liberdade no território brasileiro. “a liberdade a que ele se refere não se pode comparar à que ela já tivera na sua terra natal, África, pois a dele fora comprada.” (ABREU, 2013, p.133).

Magoada pela consciência do que perdeu, a fiel escrava de Luísa B. relata de imediato como principiou o seu cativeiro. Nessa reescrita da história, ao mesmo tempo que se denuncia a escravatura, diz-se como foi capturada no tempo da colheita, numa «manhã risonha e bela», por «homens sem compaixão», bárbaros, capazes de sorrir perante as lágrimas alheias (U, 4 2004: 116). Por outro lado, a humanidade e a consciência crítica de Susana já visíveis na dor profunda que constituiu a perda do país, do marido, da filha e da liberdade, surgem realçadas, quando descreve os «trinta dias de cruéis tormentos» no navio negreiro.(ABREU, 2013, P.133)

Nesse momento da narrativa, a autora redireciona a noção de espaço dentro da narrativa, textualizando a experiência diaspórica da personagem: “a condição diaspórica vivida pelos personagens arrancados de suas terras e famílias para cumprir no exílio a prisão representada pelo trabalho forçado.” (Duarte, 4 2004: 274). Dessa maneira, torna-se imprescindível analisar a dimensão hedionda do sequestro do povo negro. Através da personagem Susana denuncia abertamente a perversidade que sofreram os escravizados.

Além desses aspectos, analisamos dentro da narrativa a inserção de elementos da cultura africana, como o vinho de palmeira, por exemplo. “_é a prova de que o conceito da terra de origem, a noção das raízes, não deixou de existir. Por isso, o negro não pertence a uma etnia despojada de cultura, nem de ancestralidade”(ABREU, 2013,p. 135). Evidenciamos a necessidade de reconstruir uma identidade que foi suprimida após anos de desculturação provocada pelo europeu.

Este romance, apresentando todo um mundo de amplitude polifônica (cf. Bell, 1992: 10), onde as personagens refazem, com uma intenção prospetiva e libertadora, uma memória de escravatura, opõe-se à univocalidade das narrativas elaboradas por escritores brancos do século XIX, tenta o preenchimento de vazios e procura uma identidade. Com a noção de que a escravatura foi demasiado terrível e de que muito ficou por dizer, Maria Firmina dos Reis, como Toni Morrison mais tarde, entrando nos jardins das suas avós, descendo à interioridade das personagens, como que numa arqueologia literária baseada na informação e na imaginação, recolhe pedaços do passado, e, dessa forma, tenta urdir uma verdade feita de imagens e quadros. Trata-se de uma verdadeira reescrita da história. (ABREU, 2013, p. 135).

De acordo com Fernanda Miranda, um arquivo que pela primeira vez dentro da história da literatura brasileira vai contestar o ordenamento colonial do mundo. Um arquivo que através dos personagens diaspóricos vai explanar os valores e culturas africanas de forma muito assertiva e posicionada até o final da narrativa.

Embora a autora tenha ficado de fora do cânone literário e suas obras sejam pesquisadas em diversas áreas, Maria Firmina dos Reis ficou silenciada por mais de cem anos. Segundo a autora Régia Agostinho, os períodos de aparecimento da autora é marcado por diferentes períodos da história:

O lançamento de *Úrsula* em 1859 e a relativa recepção que a obra teve, como também a continuidade dos escritos de Maria Firmina dos Reis até o final do século XIX. Num segundo momento, temos um total silenciamento de mais de cem anos da obra da escritora, que só será retomada em 1975, terceiro momento, por Nascimento de Moraes Filho, no qual a escritora ressurgue como símbolo de mulher, negra, maranhense, pioneira das letras brasileiras feitas por mulher. (SILVA, 2013, p 86)

Podemos analisar, que só a partir de 1970 ocorre um movimento, justamente pelo momento em que os movimentos feministas e movimentos negros faziam-se fortes no Brasil. O quarto período em que Maria Firmina dos Reis aparece é em 1988, retomada por Luiza Lobo, no centenário da abolição da escravatura no Brasil, quando esta autora reexamina a crítica de Charles Martin, feita em 1975 a edição fac-símile de *Úrsula*, em que ele compreende que Maria Firmina dos Reis estabeleceu em seu romance, no século XIX, uma “rara visão da liberdade”. Segundo Régia Agostinho, é nesse quarto momento

que ainda estamos, no qual Maria Firmina dos Reis é lida, como uma escritora pioneira, abolicionista e antiescravista.

Pouco sabemos sobre o que decorreu entre sua infância e sua aparição nas folhas dos jornais maranhenses de 1860, que anunciam a publicação de seu único romance: Úrsula, de 1859.

Recontar a história de Maria Firmina dos Reis e reler seus textos não é apenas falar de uma história de uma mulher que escreveu no século XIX, mas também tentar entender seus escritos, como escreveu, para quem ela escreveu e quais foram seriam os objetivos de seus textos. (SILVA, 2013, p. 87)

Analisar esses aspectos na vida e obra da autora é tentar compreender como a autora percebia a sociedade que a cercava; como através da literatura tentou intervir na sociedade. Sobretudo, os embates que as mulheres enfrentaram para serem publicadas.

O mundo feminino, no século XIX, muitas vezes, foi lido e narrado pela pena masculina, visto o acesso à educação e à escrita publicada para mulheres ser nesse período bastante limitado. Dessa forma, a intenção aqui é discutir as ideias de uma mulher escritora e na segunda metade do século XIX[...] pensando dessa forma, como a escrita feita por Maria Firmina pode nos ajudar a compreender os discursos sobre as mulheres e a escravidão no período.(SILVA, 2013, p.87)

É importante mencionar que a autora inaugura não apenas a inserção das mulheres no mundo literário, mas sobretudo das mulheres negras enquanto romancistas. A partir da autora é possível reconstruir a figura do negro dentro da literatura brasileira, que durante séculos foi apagada e estereotipada. Maria Firmina insere seus personagens com consciência de serem oprimidos pelo sistema escravocrata, dessa maneira, seus personagens desencadeiam diversas formas de escapes como a bebida, a loucura, o resgate a um passado em África.

A historiografia literária silenciou uma das principais autoras do século XIX, a obra inaugural de Firmina apresenta uma estética profunda que amplifica para sociedade brasileira os sentidos e significados que a escravização e o patriarcado representou para os negros e as mulheres. A textualidade densa da narrativa posiciona-se acerca do etnocentrismo escravocrata e problematiza o lugar do negro e da mulher numa sociedade comandado por ímpetus desregulados de poderosos homens brancos. A ideia de cânone literário relaciona-se à elasticidade temporal que determinadas obras podem apresentar, assim, nas obras da autora são notáveis não apenas os aspectos estéticos, construídos com

entornos imagéticos inaugurados por Firmina, mas também posicionamentos políticos. A autora é a primeira romancista negra no Brasil e provavelmente da América Latina. Faz-se necessário compreender como uma obra que ficou apagada deve ser lida na contemporaneidade, para além: Como a crítica literária recebe tal obra. Tais questões são necessárias para não só redirecionarmos o papel da historiografia literária mas também da própria crítica.

REFERÊNCIAS

ABREU, José António Carvalho Dias de. **Os abolicionismos na prosa brasileira: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis**. 2013. 472 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

COSTA, Emília. **A Abolição**. 9ª ed. São Paulo. nesp. 2010

EVARISTO, Conceição. **Questão de pele para além de pele**. Questão de Pele. 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 1, Precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo. Martin Claret, 1998.

HOOKS, Bell. **From Margin to Center**. Boston: South End Press, 1984.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 1, Precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LOBO, Luiza. **A pioneira maranhense Maria Firmina dos Reis**. Trabalho apresentado, em versão resumida, na IV Jornada de Estudos Americanos da Associação Brasileira de Estudos Americanos, 25-27 de maio de 1988.

_____ Revista Trimestral Letterature d'America. **Um auto-retrato de mulher: a pioneira maranhense Maria Firmina dos Reis**. Tuttamerica, ano 7, números 29-30-31,1986-87.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Maria Firmina dos Reis: Invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI**. In: REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. 3. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Volume III (1855-1877). 3. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010 [1979].

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **Silêncios Prescritos: Estudo de Romances de autoras negras brasileiras**. 3. ed. Centro. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MONTELLO, Josué. **A primeira romancista brasileira**. *Jornal do Brasil*, 11 nov. 1975. Re-publicado em Madri, Espanha, com o título **La primera novelista brasileña**, número 41, junho, 1976.

MUZART, Zahidé L. **Artimanhas nas Entrelinhas: Leitura do paratexto de escritoras do século XIX**. *A Mulher na Literatura*, Recife, ano 1960.

REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. 3. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

REIS, Roberto. **A permanência do círculo. Hierarquia no romance brasileiro**. Niterói, EdUFF. 1987.

RODRIGUES, Thayara. **Vozes Femininas em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis “Uma maranhense”**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2016.

SILVA, Thiago F. S. e. **Mulheres goianas em ação: práticas abolicionistas, práticas políticas (1870-1888)**. Dissertação de mestrado, História, UnB, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A terra em que nasceste; imagens do Brasil na literatura.**
Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.